

EUGÉNIO TAVARES E A FORMAÇÃO DA CABO-VERDIANIDADE

“De entre aqueles que se destacam como cultores distintos das letras cabo-verdianas no período que se convencionou designar por Pré-Claridade, Eugénio Tavares projecta-se para a posteridade, de forma indiscutível, através da obra que nos legou¹”.

Doutorando Genivaldo Rodrigues Sobrinho² (UNEMAT/USP)

Resumo:

Considerado um dos ícones da vida cultural, política e social do Arquipélago cabo-verdiano, Eugénio Tavares destacou-se principalmente entre o final do século XIX e as primeiras décadas de 1900. Neste período, atuou em todas as áreas da cultura de seu país, tornando-se o seu maior baluarte até os dias atuais. A sua obra é vasta e vai da poesia à música, da retórica à ficção, enveredando-se também pelo ensaio. Em sua poética, Eugénio Tavares busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. Nos textos em prosa como também nos jornalísticos, o autor enfoca questões de natureza política e social. Com sua produção, altamente inovadora, Eugénio Tavares opera a confluência entre a arte culta e a arte popular. Neste encontro, o autor resgata as formas tradicionais e preserva o patrimônio imaterial crioulo. Esta comunicação tem por objetivo principal fazer uma introdução da produção escrita de Eugénio Tavares, escritor emblemático de uma época e tido como um dos responsáveis pela formação da cabo-verdianidade.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana; Eugénio Tavares; cabo-verdianidade.

Eugénio Tavares é considerado um ícone da vida cultural, política e social de Cabo Verde entre 1890 e 1930. Durante estas quatro décadas, ele se mostrou o nome mais importante em todas as áreas da cultura de seu povo, tendo-se tornado o seu maior intérprete até os dias de hoje. A sua obra é vasta e vai da poesia à música, da retórica à ficção, enveredando também pelo ensaio. Em sua poética, Eugénio Tavares busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. No entanto, ainda paira no ar, entre os cabo-verdianos, a evocação de Nhô Eugénio como um ente mítico, que alcançou o ápice do lirismo da mais representativa manifestação da identidade crioula.

Eugénio de Paula Tavares nasceu na Ilha Brava, em 18 de outubro de 1867 e faleceu aos 63 anos, em 01 de junho de 1930, na mesma ilha. Seus pais foram Francisco de Paula Tavares e Eugénia Nozolinny Tavares. Sua mãe morre durante o parto e seu pai veio a falecer três anos depois na Guiné, a serviço de Portugal. O menino Eugénio foi adotado então pela família do médico José

¹ MONTEIRO, Manuela Ernestina. Prefácio. In: MONTEIRO, Félix (Recolha). *Eugénio Tavares: viagens, tormentas, cartas e postais*. São Vicente: IPC Documentos, 1999, p. 5.

² Genivaldo RODRIGUES SOBRINHO, Prof. Ms. da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus Sinop* e Doutorando em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP – Universidade de São Paulo.
E-mail: genivaldosobrinho@gmail.com

Martins da Vera Cruz, que lhe deu as condições necessárias para se tornar num grande homem. Casou-se com Guiomar Leça Tavares, não deixando herdeiros, fato muito lamentado pelo casal.

Mesmo não tendo freqüentado o Liceu de São Nicolau nem tido a oportunidade de estudar em qualquer outro estabelecimento de ensino fora de seu país, Eugénio Tavares era possuidor de apurada formação cultural que viria a se refletir em sua produção escrita. Apesar de ser autodidata em sua formação, como jornalista e prosador, Eugénio Tavares dominou o cenário cabo-verdiano nas primeiras décadas do século XX. A este respeito, vejamos o que nos dizem Carlota e Viriato de Barros em texto de uma conferência proferida na cidade Lisboa, em 2005:

A formação de Eugénio Tavares fez-se no excelente ambiente em que cresceu, entre gente de cultura e conhecimento, a cujas bibliotecas tinha acesso constante e que constituíam para ele autênticos santuários pessoais de estudo. [...] foi sobretudo aluno do seu povo, da sua terra, da sua ilha, da cultura do seu povo que amou sem condições, sofrendo as suas dores, lutando as suas lutas, sentindo como própria as suas revoltas, porque doutra forma não podia ser, mas vivendo também os seus amores e as dores de quem ama com essa intensidade que se sente nos seus poemas³.

Sabe-se, portanto, que Eugénio Tavares – apesar de todas as limitações e dificuldades – superou os obstáculos em busca de seu desenvolvimento intelectual. Carlota e Viriato ressaltam, ainda, o talento deste escritor cabo-verdiano, que foi descoberto pelo poeta bravense Luiz Medina de Vasconcelos. Este publicou um poema de Eugénio Tavares no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, enfatizando sua qualidade, inclusive o conhecimento da língua e dos códigos de versificação. Ao lado desses atributos, também destacou a devoção à justiça social deste autor face ao descaso do Governo central, bem como sua militância na causa republicana em favor deste ideal. No jornalismo, com seu talento e mestria na linguagem, Eugénio denunciava com veemência os graves problemas sociais de sua terra como, por exemplo, a falta de escolas. Muitas vezes esta denúncia vinha carregada de mordacidade e a arma utilizada era a ironia:

Como, no n.º 2 desta Revista, eu exigisse escolas para os cabo-verdianos, pessoa de incontestada seriedade, em carta muito prolixa e substanciosa, me faz ver que, antes de exigir com estéril entono eu devia pedir com proveitosa humildade. Li a missiva, apreciei-a e muito me detive a pensar antes de responder com estas linhas, cuja publicação solicito ao Exmo. director da “Revista”. Pensei muito para que, em razão da minha rudeza e incultura, não fosse a resposta desatremar da advertência. Afoguei a formidável gargalhada que, em ondas, me subia do peito; deixei-me serenar e comecei esta breve resposta. Eu não peço aquilo que, posto que me tenha sido negado, por direito, meu, exijo. [...]
Quereis saber quem sou eu para exigir? Sou uma vontade e, por conseguinte, uma força. [...]
É tempo de se convencerem todos, de que dar escolas e estradas ao povo, não é um favor que se lhe faz; é uma dívida que se lhe paga (TAVARES, 1997, pp. 24-25).

A revelação do talento precoce de Eugénio Tavares foi fundamental para que o seu caráter combativo, questionador, voltado para seu país e sua gente se moldasse e se fortalecesse para o prosseguimento de seus embates em favor das conquistas políticas e sociais imprescindíveis, sem o apelo fácil ao meramente panfletário.

³ Disponível em: www.eugeniotavares.org. Online em 24/06/2005 às 21:46.

Com efeito, Eugénio Tavares é considerado o primeiro compositor de mornas incluído no panteão dos poetas cabo-verdianos. Compunha sonetos em perfeito português, foi, não obstante, um dos pioneiros da defesa do crioulo. Em seu artigo “Língua de Pretos”, publicado em *O Manduco* número 11 de janeiro de 1924, ele afirma que:

O crioulo é um derivado da nossa língua, tão irregular e caprichoso, quanto expressivo e rico.

O carácter do povo cabo-verdiano está, mais ou menos, pitorescamente, expresso na fonalidade dos seus dialectos, variam de ilha para ilha como de ilha para ilha varia o perfil físico.

Logo, não havendo dúvidas de que o dialecto crioulo seja uma transformação da língua portuguesa, deve ser certo que ele merece ser estudado e conservado graficamente como elemento de filologia.

E a chamá-lo língua de pretos, melhor seria dizê-lo língua de brancos mal ensinada a pretos, – a pretos que criaram os filhos desses brancos, que os trouxeram ao colo, e que lhes acalentaram os sonos da infância com as tristíssimas melopéias da saudade dos lares distantes e do sofrimento da escravidão; e que, tendo vivido e sofrido no contacto de inteiras gerações de brancos, lhes deixaram, imorredoura herança, as reminiscências bárbaras que eivaram a própria língua dos senhores (1997, p. 219).

Tavares viveu na época da luta política em Portugal entre partidários da Monarquia e os defensores da República (Eugénio foi desde cedo um ardoroso defensor do republicanismo), e da emigração para os Estados Unidos, interrompida pelas leis de 1918, 1924 e 1928, que proibiam a entrada naquele país de trabalhadores analfabetos. No artigo “Questões Económicas”, publicado n’*A Voz de Cabo Verde*, Ano III, número 101, de 21/07/1913, ele faz uma firme defesa da emigração para os Estados Unidos, evidenciando os efeitos benéficos, não apenas para Cabo Verde, mas também para o emigrante. Observemos suas palavras:

Deficiência de produção agrícola e industrial é, evidentemente, um dos males de que enferma a economia cabo-verdiana. Não assim, porém, a *exportação das suas forças vivas*. Estamos na convicção de que a emigração é, depois do carvão, o melhor elemento económico de Cabo Verde. A emigração efectua-se em Cabo Verde por processos e com resultados perfeitamente diferentes das outras emigrações.

O cabo-verdiano que emigra nunca lança raízes nas terras para onde vai trabalhar. Antes, vai procurar seiva para aprofundar e fortalecer as raízes que deixou nas suas ilhas.

Vai trabalhar no estrangeiro para edificar a sua casa, sustentar a sua família, criar e educar os filhos que ele deixou na sua terra.

Vai quase sempre sem instrução, com apenas aquela educação que bebeu na pobre e honesta atmosfera em que nasceu. Quando volta porém, ele, que tinha ido um pária, chega um cidadão. Traz dinheiro, traz uma definida concepção moral, vem fazendo uma idéia aproximada do direito, do dever, da justiça; de modo que a sua casa progride, a sua prole educa-se, a sua existência dignifica-se. E os seus descendentes, ele mesmo, jamais poderão ser os servos que engraxam as botas e lisonjeiam as vaidades dos senhores. Os resultados da emigração cabo-verdiana podem-se ver no Fogo e na Brava, onde ela tem frutificado. Em nenhuma das outras ilhas há, ainda, uma emigração regulada, estabelecida e com resultados evidentes, incontestáveis, que se ofereçam como provas contra o oco farelório dos *coloniais* (1997, pp. 129-130).

O poeta fala em sua produção escrita de amor, de paixão e de exílio com uma voluptuosidade muito peculiar. O soneto intitulado “Minha Casa”, composto quando de seu exílio nos Estados Unidos, é um bom exemplo do que dissemos.

MINHA CASA

A Duarte Silva

Ó minha pobre casa! estância honesta!
Minha felicidade inigualada!
Quem me dera passar, nesta jornada,
À tua sombra, a vida que me resta!

Tudo me fere, tudo me molesta
Longe de ti, ó minha pobre amada!
O sol mais claro não me alegra; nada
Me aquece e me ilumina a fronte mesta!

O meu destino, túbido, mesquinho,
Na saudade dos olhos siderais
Da companheira que ficou no ninho,

Arrasta-me a visões de dor, mortais:
E penso que talvez neste caminho
Não paro à tua sombra nunca mais!

De sua produção mornística destacamos como exemplo “Na Cantero de Nhá Peto”, considerada pelo próprio Eugénio Tavares uma de suas favoritas e incluída na seleção do autor *Mornas – cantigas crioulas*, feita meses antes de seu falecimento e publicada pelo amigo e poeta português Osório de Oliveira, em 1932:

Na cantero de nha peto

Na cantero de nha peto
'N tem um pé de rosera:
Nha roserinha
É que é rainha!
'N q' rel co todo rospeto;
Amá, de qualquer maneira,
'N al pranta só rosera
Na cantero de nha peto?

Rador de nha rosa santa,
'N tem que tem otos pranta:
Carinhas preta
Coma violeta;
Chinelinhas cor de prata;
Uns branquinha, otos mulata...
'N tem que tem otos pranta
Rador de nha rosa santa...
(TAVARES, 1969, p. 43)

No canteiro do meu peito

No canteiro do meu peito
Eu tenho um pé de roseira:
A minha roseirinha
É a rainha!
Amo-a com todo o respeito;
Mas de qualquer maneira,
Hei-de plantar só roseiras
No canteiro do meu peito?

Ao redor da minha rosa santa,
Eu tenho de ter outras plantas:
Carinhas pretas
Como violetas;
Chinelinhas cor de prata;
Umás branquinhas, outras mulatas...
Tenho que ter outras plantas
Ao redor de minha rosa santa⁴ ...

⁴ Tradução literal de Verônica Ramos de Oliveira, jornalista cabo-verdiana formada pela ECA-USP.

Isabel Lobo, na introdução ao volume *Eugénio Tavares: poesia, contos, teatro* (1996), recolha de textos poéticos, narrativos e teatrais de Eugénio Tavares, afirma que Eugénio “é nome de referência na literatura cabo-verdiana” (1996, p. 5). Sua produção escrita enlaça um significativo conjunto de gêneros, em que há a predominância de uma linguagem marcante da época e em que não se pode deixar de observar um diálogo diverso, por parte do autor, com o Romantismo e o Classicismo renascentista. Por meio da leitura desta vasta produção, podemos alcançar uma compreensão mais acurada de alguns dos fenômenos sociais, cívicos e literários típicos do final do século XIX e do início do século XX no Arquipélago de Cabo Verde.

O século XIX, como todo o período anterior da literatura de Cabo Verde, é impactado, enquanto produção estética e literária, pelos modelos europeus. As bases em que se estrutura a nova fase da produção literária cabo-verdiana, anunciadas na revista *Claridade*, já eram debatidas anteriormente por Eugénio Tavares desde o final do século XIX. Sua produção, questionadora dos rumos não só da literatura, como também de Cabo Verde como nação independente, deu-se no período denominado por alguns críticos e estudiosos de “pré-claridoso” ou “nativista”.

Em sua poética, Eugénio busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. Nos textos em prosa e no jornalismo, o autor enfoca questões de natureza política e social (o texto engajado já abre um debate sobre a necessidade da independência política, social e cultural de Cabo Verde). Sua produção, bastante inovadora para a época, opera a confluência entre a arte culta e a arte popular. Nesse encontro, o autor resgata as formas tradicionais e preserva o patrimônio imaterial crioulo.

José António Nobre Marques Guimarães, em *O Nativismo em Eugénio Tavares* (2005), ressalta que um dos fios condutores da ação política e jornalística do poeta, desde cedo, ergue-se contra a contratação de serviçais para São Tomé. Este trabalho, pesado e muito mal remunerado, era quase equivalente à escravidão. Era destinado aos cabo-verdianos que se submetiam a ele em virtude do estado miserável em que viviam, uma vez que não tinham outra alternativa diante das sucessivas secas que assolavam o país e que causavam grande caos social, quadro associado ao abandono da colônia pelo colonizador português. Havia, ademais, interesse por parte da administração colonial em se aproveitar desse cenário de calamidades, já que desta forma o governo português conseguia mão-de-obra quase gratuita para o trabalho nas plantações de café e cacau em São Tomé.

A ilha Brava será, nesta época, um cenário perfeito para retratar as vivências crioulas, mesmo com todas as suas dificuldades e carências; é sempre com muito carinho e amor que Eugénio se refere à sua ilha de origem. Percebe-se, nesse movimento de descrição do seu torrão natal, uma vontade de que o lócus privilegiado na obra não seja apenas a Brava, mas o Arquipélago como um todo. Para Manuela Ernestina Monteiro:

Eugénio recriou a sua ilha tanto nos versos como na prosa: o relevo, a beleza da natureza, na qual as flores e os aromas ocupam lugar de destaque, actos da vida quotidiana bravense, sem esquecer alguns hábitos e costumes, numa palavra, a atmosfera típica da ilha Brava (1999, p. 8).

Ele vai conceber a ilha Brava como pátria/mátria⁵, na senda da discussão empreendida por Manuel Ferreira (1987, p. 83), de que, nesta época, Portugal era considerado como Pátria (Pai) e a ilha como Mátria (Mãe-Terra).

A respeito da imagem que os bravenses fazem de Eugénio Tavares, lembramos as palavras do escritor Luís Romano, quando de sua ida à Brava, por volta de 1980, em busca de “reliquias” sobre Nhô Eugénio. Dos relatos coligidos por ele, destacamos este, citado por Manuela Ernestina Monteiro:

⁵ Manuel Brito Semedo nos informa que “O conceito de *Mátria* foi primeiramente utilizado pelo Padre António Vieira, em 1639, no “Sermão de Nossa Senhora da Conceição”, pregado na igreja de Nossa Senhora do Desterro, na Baía, no contexto de a Terra ser desterro e o Céu a verdadeira e bem-aventurada pátria (2006, p. 266).

As estórias se embrulham e fica somente a evocação de um Ente Querido, quase mitológico, que foi e é adorado pela gente amorável da sua ilha Brava, a quem serviu de defensor e quase sempre mentor ou até juiz. (...) Há sempre alguém que se lembre de um improviso, de uma graça, de uns versos, de uma partida ou de uma sentença de Nho Eugénio. Quando as mornas de Nho Eugénio são anunciadas, há como que uma homenagem sentida àquele que soube ler no coração das pessoas (...) (1997, p. 6).

Vale lembrar que a vivência cabo-verdiana de Eugénio Tavares não se restringiu apenas à Ilha Brava. Ainda muito jovem consegue um posto de trabalho, numa casa comercial que representava os interesses consulares dos Estados Unidos, na Ilha de São Vicente. A vida em Mindelo era inebriante, um grande contraste com o meio simples da Ilha Brava. A cidade significava um espaço de cultura e cosmopolitismo, uma intersecção de costumes e calor humano, onde o jovem intelectual despertaria para os rumos ditados pelo seu destino.

A mestiçagem, muito mais efetiva em São Vicente do que na Brava, proporcionava-lhe belos exemplos de mulher crioula surgidos do cruzamento das mais diversas etnias vindas do continente africano com o europeu de diversas origens e, por conseguinte, uma hibridação de culturas nunca antes vista. Era este o cenário para o novo poeta em busca de melhor formação e novos conhecimentos. Mindelo passaria, então, a ser a sua segunda morada, encantando-o por toda vida e levando-o a lutar, na imprensa, por sua transformação em cidade e capital do país.

Após aproximadamente dois anos em São Vicente, muda-se para a ilha-mãe (a primeira a ser povoada) de todos os cabo-verdianos, Santiago, com o claro propósito de conhecer o Cabo Verde profundo e vernáculo. Esta iniciativa se converte no ponto de virada para a definição do destino do homem ímpar que viria a se tornar Eugénio Tavares. Homem apaixonado e interessado pelo seu povo e pela sua cultura.

Preocupado em apreender o que Cabo Verde possuía de mais significativo em termos culturais, buscou sempre estar entre as pessoas da camada popular, convivendo com seus problemas, suas angústias, seu modo de estar no mundo. Numa demonstração de amor à mulher crioula, em sua passagem por Santiago, compõe o poema “As Crioulas⁶”:

A Virgem Maria
Pura mãe de Deus
Seria crioula?
Sim; nos sonhos meus,
Contemplo-a, morena,
Filha de plebeus,
Morena crioula
Rainha dos Céus...
Nos seus tristes olhos
Boiados de amor,
Há consolações,
Para toda a dor. A doce crioula
Pequenina flor
É como a violeta no aroma, na cor.

Verificamos, nestes versos, que a dedicação à mulher cabo-verdiana é tanta que Eugénio consegue ver nela as virtudes da Mãe de Jesus.

Por outro lado, esta mulher é a representante máxima da ilha de Santiago, com sua gente simpática, afável e de vestes coloridas, suas montanhas, vales e paisagens de tirar o fôlego, é desde

⁶ Disponível em <http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/santiago.html> online em 15/05/2008 Online em 15/01/08, às 15:23.

o início da colonização portuguesa um grande caldeirão de cultura e tradições ancestrais. Com efeito, é considerada, segundo o olhar cabo-verdiano, a mais africana das dez ilhas, e Eugénio quis viver de perto esta realidade fundamental à sua formação cultural e intelectual.

O exílio também marcou profundamente a formação e o desenvolvimento de Eugénio Tavares como homem que pensava Cabo Verde. As constantes perseguições de cunho eminentemente político não lhe deram outra opção a não ser fugir para os Estados Unidos. Num primeiro momento, o autor irá lamentar grandemente o fato de ter deixado a terra que tanto amava. No entanto, sua estada em território americano não será de todo perdida, uma vez que sua atuação combativa das mazelas provocadas pelos desmandos governamentais não se interrompeu. Pelo contrário, teve a oportunidade de fundar aquele que pode ser considerado o primeiro jornal em língua portuguesa na diáspora: *A Alvorada*. Além disso, frequentou clubes republicanos e maçônicos, cuja aceitação era bastante restrita. Desta forma, ampliava-se imensamente sua visão de mundo e sua consciência sobre os problemas culturais, políticos e sociais de Cabo Verde.

Eugénio Tavares é, pois, reconhecido como uma das balizas da cultura cabo-verdiana de todos os tempos. Este reconhecimento se dá devido à sua produção literária, musical, jornalística e epistolar, marcada principalmente pela originalidade de seus temas. A defesa apaixonada e intensa de Cabo Verde, seu povo e sua cultura nos leva a acreditar que Eugénio Tavares tenha sido um precursor da cabo-verdianidade, apesar de ter vivido numa época de graves restrições impostas pelo sistema colonial português.

Referências Bibliográficas

1. Corpus:

MONTEIRO, Félix (Recolha). *Eugénio Tavares: poesia, contos, teatro*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1996.

_____. *Eugénio Tavares: pelos jornais...* Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1997.

_____. (Recolha). *Eugénio Tavares – viagens tormentas cartas e postais*. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1999.

2. Outros títulos/Webgrafia

BARROS, Carlota & BARROS, Viriato. O amor em Eugénio Tavares. *In:* http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/amor_em_eugenio_tavares.html *Online em* [14/06/2005 às 09:20](#).

GUIMARÃES, José António Nobre Marques. O nativismo em Eugénio Tavares. *In:* http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/nativismo_eugenio_tavares.html *Online em* [24/06/2005 às 21:55](#).

www.eugeniotavares.org O grande intérprete do maravilhoso espírito caboverdiano. *Online em* [15/05/2008, às 15:23](#).